

es do documentário



Fotos: Reprodução/Luís Paulo Silva



Foto: Antoninho Perri

No sentido horário, a partir das fotos acima, cenas de "Ônibus 174", "Justiça", "À Margem da Imagem", "Notícias de uma Guerra Particular", "33" e "Entreatos"



Fernão Ramos: "A definição da narrativa documentária é uma questão sempre presente"

vem a distribuição, a exibição...

Fernão Ramos – Sem dúvida. Esses são obstáculos a serem vencidos. Colocar um filme no mercado não é uma tarefa trivial. Há vigor na produção, mas por outro lado há uma carência imensa em termos de exibição. O que acontece é que a reflexão sobre o cinema fica sempre em torno da estética, que é importante, mas não deve ser a única. Para você ter uma idéia, tem filme de ficção que capta R\$ 4 milhões ou R\$ 5 milhões do Estado brasileiro em isenção fiscal e depois arrecada R\$ 40 mil de bilheteria. Esse é um ponto que também merece reflexão.

JU – Ainda sobre a vitalidade da produção documentária nacional, ela de alguma forma influencia a produção acadêmica? Tem mais gente interessada em pesquisar esse tema na universidade?

Fernão Ramos – Sim. Eu, por exemplo, oriento vários alunos que pesquisam o tema. Temos um centro de pesquisa, o Cepecidoc [Centro de Pesquisas de Cinema Documentário da Unicamp] que conta com a participação de diversos pesquisadores, alunos e professores. Citando de memória, creio que já somamos perto de 20 dissertações e teses defendidas aqui no Instituto de Artes especificamente sobre cinema documentário. Além disso, há congressos internacionais, simpósios e festivais importantes sobre documentário. Como estou há bastante tempo na área, penso ter uma visão abrangente da cena atual, e ela tem demonstrado vigor. O tema tem merecido inclusive um espaço muito interessante na mídia. Não sei quanto tempo vai durar esse interesse, mas espero que ele tenha vida longa.

JU – Em relação à produção de documentários, como ela está distribuída pelo país? Ainda está concentrada no eixo Sul-Sudeste?

Fernão Ramos – Esse é um problema. O governo federal tem um programa chamado DOCTV, cuja coleção completa de filmes [são cerca

de 160 produções] o Instituto está comprando com o auxílio do CNPq [Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, órgão do Ministério da Ciência e Tecnologia]. Esse programa tenta fomentar os chamados 'pontos de cultura' pelo país afora. Os pontos estão localizados em regiões isoladas, comunidades carentes, favelas etc. Está sendo dada certa ênfase para a questão regional. Ou seja, há a possibilidade da destinação de recursos para que as pessoas retratem o próprio meio em que vivem. Já a produção de longa-metragem, mais voltada para o mercado, está fortemente concentrada no eixo Rio-São Paulo. Mas penso que essa concentração é menor do que já foi e menor ainda em relação ao cinema de ficção.

diversos canais dedicados ao documentário, com uma forma narrativa própria que eu chamo de 'documentário cabo'. São canais como *History Channel*, *Discovery Channel*, *Animal Planet*, GNT, BBC, que trazem documentários sobre personagens da história, personalidades e eventos atuais, vida animal, aviões de guerra, construções de pontes, dinossauros, vida em Marte etc. Tem muita porcaria, mas também há coisas de boa qualidade. O fato de os documentários entrarem na nossa casa, de alguma forma ajuda o espectador a começar a gostar e até mesmo a entender o gênero.

JU – Muitas pessoas ainda acham o documentário chato?

Fernão Ramos – Sim, ainda existe essa visão, principalmente em relação às produções clássicas. Muitas pessoas ainda acham o formato chato, com aquela voz fora-de-campo, com o tom didático etc. Mas hoje em dia o documentário é muito diferente. Temos trabalhos de vanguarda com experiências narrativas extremamente sofisticadas. No caso brasilei-

ro, podemos lembrar de diretores como Cao Guimarães ('Da Janela de Meu Quarto'), Kiko Goifman ('33'), Carlos Nader ('Preto e Branco'), Lucas Bambozzi ('Do Outro Lado do Rio'), Carlos Adriano ('A Voz e o Vazio: a Vez de Vassourinhas') e Sandra Kogut ('Passaporte Húngaro') que desenvolvem documentários em primeira pessoa ou experimentais, na fronteira com a videoarte. Documentário não é somente 'fronteiras', mas também é isso. Outro ponto importante que a gente poderia apontar, ainda em relação ao fortalecimento da produção, é a proliferação de câmeras por meio da tecnologia digital. Praticamente todo mundo tem sua câmara hoje em dia. Anteriormente, você tinha uma bobina que durava dez minutos. E tinha a película, que é extremamente cara. Atualmente, a coisa está muito mais simples. A garotada está filmando muito no formato digital. Depois, basta montar no computador e colocar no YouTube, por exemplo. Essas novas tecnologias também corroboram para esse crescimento expressivo da produção documentária.

JU – O senhor falou sobre internet. Ela é uma plataforma interessante para a exibição de documentários?

Fernão Ramos – Olha, eu não vejo problema algum em exibir na internet. A internet pode ser uma mídia como outra qualquer. Você pode pegar um documentário clássico como *Cabra marcado para morrer* e passar na televisão, visto que é feito a partir de uma estética televisiva, mas passar também na internet. O que ocorre com o YouTube, por exemplo, é que ele fatia a obra. Se você pretende exibir um documentário de 45 minutos, você tem obrigatoriamente que dividi-lo em três pedaços, para que caiba inteiro no site. Mas também pode ter algo voltado especificamente para esse tipo de mídia. É mais uma janela possível.

JU – Como o senhor mesmo citou, a produção documentária brasileira tem demonstrado vigor. Mas a produção é apenas uma das etapas que precisam ser cumpridas, não é? Depois

Serviço



MAS AFINAL...
O QUE É MESMO DOCUMENTÁRIO?
FERNÃO PESSOA RAMOS

Título:
Mas afinal... O que é mesmo documentário?

Autor:
Fernão Pessoa Ramos
Editora:
Senac
Páginas:
448

Preço sugerido:
R\$ 65,00